

MAIS UM PASSO NO CAMINHO PARA A COMUNIDADE DA ÁFRICA AUSTRAL

*** FW de Klerk e Joaquim Chissano encaram um futuro comum com confiança**

por SILVA RAMALHO em MAPUTO

OLHANDO PARA O FUTURO

O encontro, em Maputo, na passada quarta-feira, 19 de Julho, entre o presidente de Moçambique, Joaquim Chissano, e o líder do Partido Nacionalista da África do Sul, FW de Klerk, teve uma característica notável: em três horas e meia de discussão falou-se mais nas perspectivas para um futuro melhor que na resolução dos prementes problemas do presente.

Pode isto ser interpretado como um indicio de que os líderes estão serenamente confiantes que a África do Sul e Moçambique encontrarão soluções, num prazo sensivelmente curto, para as situações que confrontam os dois países.

Chissano mostrou, todo o tempo que decorreu em contacto com os jornalistas, uma naturalidade e descontração que ajudaram a dissipar qualquer aparência de «acontecimento histórico». Para isso, frisou que o encontro com FW de Klerk não era mais do que o realmento das conversas havidas anteriormente com o presidente PW Botha, no Songo, dando, portanto, à ocasião o carácter de uma sessão de trabalho.

UM LÍDER NATURAL

De Klerk esteve à altura da circunstância, conduzindo-se como um líder natural, em linha para a Presidência da África do Sul. Para o sucesso do seu primeiro acto de formal diplomacia fora do País, muito contribuiu o saber e experiência do veterano ministro dos Negócios Estrangeiros, Pik Botha, e a «rodagem» destas situações adquirida pelo director-geral dos Negócios Estrangeiros, Neil van Heerden, uma das grandes vedetas da diplomacia sul-africana.

Um dos momentos altos da conferência de imprensa, que se seguiu à reunião, foi a afirmação de Chissano de que a África do Sul poderá tomar o seu lugar na proposta Comunidade das Nações da África Austral logo que finalize o processo de mudança em curso neste País.

De resto, durante o período de perguntas, os jornalistas presentes, na maioria representando a «media» estrangeira, perderam grandes oportunidades devido à obsessão, que mostraram dominá-los, com dois assuntos: a alegada ajuda da África do Sul à Renamo e a libertação de Mandela.

ENTRA UM AVIÃO-MISTÉRIO

Chissano aproveitou a ocasião para declarar que tinha recebido garantias, que aceitou, que o Governo da África do Sul não dava ajuda «aos rebeldes da Renamo». Contudo, não excluiu a possibilidade de certos elementos sul-africanos os ajudarem.

Seguiu-se uma bizarra troca de impressões, em público, que os elementos da «media» seguiram com a maior atenção: a existência de um avião-mistério que, segundo Chissano, se presume que transporta regularmente fornecimentos para a Renamo.

No campo das suposições, julga-se que o avião parte da África do Sul e que é pilotado por um sul-africano. Também há várias teorias sobre quem está à cabeça de uma operação rodeada de mistério até aqui aparentemente por descobrir.

De Klerk, num momento pouco feliz, disse não ser possível, «num país de economia aberta, estar-se detrás da cortina e debaixo da mesa dado que a África do Sul não faz espionagem». Prometeu, contudo, que se o Governo de Moçambique fornecesse informações sobre o caso, as autoridades sul-africanas tomariam as providências necessárias.

FIM PARA O CICLO DE VIOLÊNCIA

A certa altura, de Klerk afirmou que todos os países da Região deviam pôr termo ao actual ciclo de violência. «O que precisamos é deitar mão às oportunidades que nos oferecem os recentes acontecimentos dentro de certos países da África Austral», disse ele.

Referiu-se, depois, ao papel construtivo que a África do Sul estava preparada para desempenhar no



DA ESQUERDA PARA A DIREITA, O MINISTRO MOÇAMBICANO ARMANDO GUEBUZA, MINISTRO SUL-AFRICANO DA EDUCAÇÃO E PRESIDENTE DO PARTIDO NACIONALISTA, FREDERIK DE KLERK, PRESIDENTE MOÇAMBICANO JOAQUIM CHISSANO, E O MINISTRO SUL-AFRICANO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS, ROELOEF PIK BOTHA

(Foto - The Citizen)

campo económico, nomeadamente a reactivação do projecto hidro-eléctrico de Cabora Bassa. «O desenvolvimento deve processar-se ao mesmo tempo que a busca da paz política», acrescentou de Klerk.

«PLANO MARSHALL» PARA A ÁFRICA AUSTRAL

Segundo revelaram elementos da delegação sul-africana, mais de uma hora da longa reunião foi dedicada à discussão de um «Plano Marshall» para a África Austral proposto recentemente por Pik Botha para a promoção do processo económico e cooperação regional na África Austral.

O plano teria também como objectivo acabar com o isolamento da África do Sul imposto pelos seus vizinhos e conseguir que os países da Região passassem a trabalhar juntos para o progresso geral.

Outro assunto que as citadas fontes disseram ter ocupado bastante tempo da reunião foi o debate da acção que o presidente Chissano poderia desenvolver para conseguir que Robert Mugabe, presidente do Zimbábue — o único líder da chamada Linha da Frente que se opõe tenazmente a qualquer cooperação com a África do Sul — mude de atitude e se junte aos outros.

Também neste ponto há um ambiente de optimismo. É inegável que a adesão do Zimbábue ao grupo disposto a trabalhar com a África do Sul em muito facilitaria a criação de um «Plano Marshall». Dizia-se nos corredores do palácio da Presidência onde decorriam os trabalhos que é provável haver boas notícias sobre o assunto dentro de poucas semanas.

Julga-se que, durante a reunião, Chissano insistiu que a África do Sul tome «certas medidas» para o proposto plano poder ser posto em efeito.

PROBLEMAS INTERNOS E COOPERAÇÃO REGIONAL

A isso respondeu a delegação sul-africana «que o facto de certos países da Região Austral terem pro-

blemas internos não devia constituir obstáculo à existência de cooperação regional».

Chissano disse que de Klerk lhe tinha garantido que o seu Governo estava empenhado em trabalhar para a unidade e iguais oportunidades para todos na África do Sul. «Pelo nosso lado, estamos dispostos a contribuir para que esse processo se torne uma realidade», afirmou o presidente moçambicano.

Esta reunião em Maputo deixou a impressão em muitos dos que a ela assistiram que se tinha progredido em duas frentes cruciais para o futuro da África Austral: a formação de uma «Comunidade das Nações da África Austral» e a génese de um «Plano Marshall» para toda a Região.

PASSOS PARA A COMUNIDADE

Quanto à Comunidade, julga-se que o encontro Chissano/De Klerk pode ter contribuído para tornar possível uma cimeira dos 10 países da Região para discutirem a viabilidade de cooperação a nível regional e a possibilidade da constituição de uma organização comunitária.

Segundo a concepção de Pik Botha, autor do projecto, o «Plano Marshall» decalcado daquele que foi posto em prática no fim da segunda guerra mundial para a reconstrução de uma Europa em ruínas, consistiria numa sociedade em que entrariam a Europa, a África do Sul e os restantes países da África Austral.

Uma vez reunidos os recursos financeiros da Europa e o «know-how» e talentos de gestão da África do Sul seria possível criar na Região as condições de estabilidade, progresso e prosperidade de todos que nela vivem.

O slogan «A luta continua», que até aqui significou ódio, morte e destruição, mudou de sentido, o da amizade, vida e reconstrução. Em Maputo, travou-se mais uma batalha para a paz. Nesta maré de esperança que se está criando, não é exagero dizer que «A vitória é certa».